

**DECOLONIZANDO O CONHECIMENTO:
O Ensino Colaborativo em Comunidades Negras na América Latina**

DECOLONIZING KNOWLEDGE:
Collaborative Teaching about Black Communities in Latin America

Jaira J. Harrington^()*

Resumo

Um princípio orientador na minha prática pedagógica é a acessibilidade do conhecimento. No entanto, as maneiras pelas quais a pesquisa transnacional das comunidades negras são bloqueadas por barreiras estruturais de gênero, classe, nacionalidade, acessibilidade e cidadania tornam o discurso intercultural frutífero inacessível. Minhas reflexões neste ensaio são para explorar e elaborar sobre essas complexidades e desafios estruturais, ao mesmo tempo em que faço recomendações para que outros acadêmicos em posições semelhantes para aprimorar o aprendizado e o intercâmbio do estudo das vidas e comunidades negras com estudantes em todo o mundo. Por meio deste ensaio, espero oferecer conhecimentos sobre as maneiras pelas quais os educadores podem criar estratégias em ambientes acadêmicos coloniais e opressivos.

Palavras-chave: Comunidades Negras na América Latina. Educação Transnacional Colaborativa. Práxis Decolonial.

Abstract

A guiding principle in my teaching is accessibility of knowledge. However, the ways in which the transnational inquiry of Black communities are blocked by structural barriers of gender, class, nationality, ability, and citizenship renders fruitful intercultural discourse inaccessible. My reflections in this essay are to explore and elaborate upon those structural complexities and challenges while also making recommendations for other similarly positioned scholars to enhance the learning and exchange of the study of Black lives and communities with students across the globe. Through this essay, I hope to offer insights into the ways in which educators can strategize through colonial, oppressive academic environments.

Keywords: Black Communities in Latin America. Collaborative Transnational Education. Decolonial Praxis.

^(*)Jaira J. Harrington, Ph.D.
Departamento de Black Studies
Universidade de Illinois Chicago
Professora assistente
e-mail: jjh7@uic.edu

1 INTRODUÇÃO¹

A acessibilidade do conhecimento é um princípio orientador no meu ensino. Como professora de Estudos Negros da Universidade de Illinois, Chicago, estou situada em um departamento que comprometeu intencionalmente perspectivas globais e transnacionais das vidas negras. Em 2020, o departamento mudou seu nome de “Estudos Afro-Americanos” para “Estudos Negros”. Nomear a negritude dessa maneira descentraliza um currículo negro historicamente monolítico, ocidental e centrado nos EUA e normaliza diásporas, redescobertas e comunidades que transcendem os estados-nação. Sinto-me feliz por ser membro de um departamento que tem fundamentado nossos esforços intelectuais nessa posição política. No entanto, ainda existem maneiras pelas quais a investigação transnacional das comunidades e experiências negras é prejudicada por barreiras estruturais de gênero, classe, nacionalidade, acessibilidade e cidadania. Minhas reflexões neste ensaio são para explorar e elaborar sobre essas complexidades e desafios estruturais, ao mesmo tempo em que faço recomendações para outros estudiosos em posições semelhantes para aprimorar o aprendizado e o intercâmbio do estudo das vidas e comunidades negras com estudantes em todo o mundo. Ao compartilhar minha experiência, espero oferecer insights sobre as maneiras pelas quais os educadores podem criar estratégias em ambientes acadêmicos coloniais e opressivos.

O campus da Universidade de Illinois, Chicago (UIC) tem mais de 20.000 alunos nos níveis de graduação e pós-graduação. O campus é composto principalmente por estudantes que não residem ali. A UIC está classificada entre as 25 melhores faculdades com diversidade étnica e a 11^a em mobilidade social nas melhores faculdades do US News & World Report 2022-2023. Além disso, a UIC é reconhecida como uma Instituição de Atendimento a Minorias (MSI); uma Instituição de Atendimento a Hispânicos (HSI) e como uma Instituição de Atendimento a Americanos Asiáticos e Insulares do Pacífico (AANAPISI). Enquanto 1 em cada 3 alunos fala um idioma diferente do inglês, mais de 60 idiomas são falados entre o corpo discente. Um total de

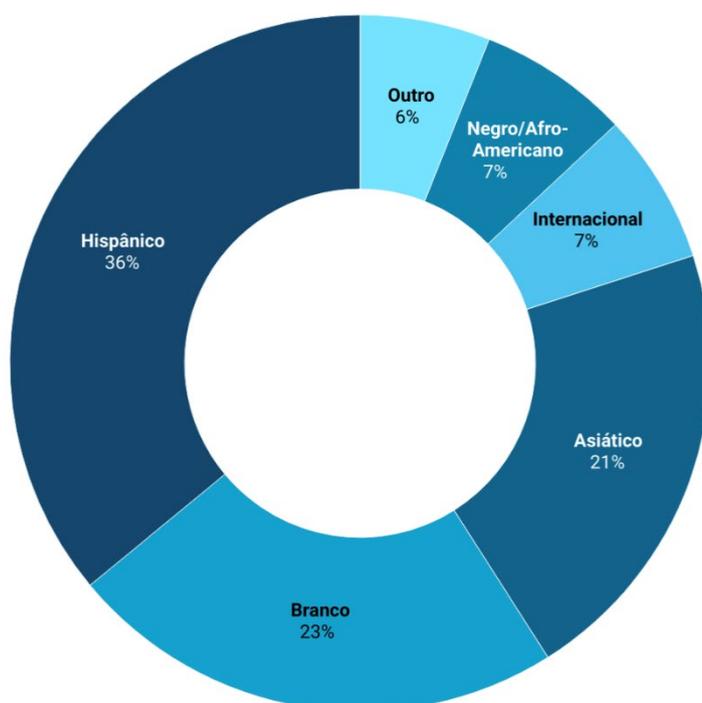
¹ Eu quero agradecer meus colegas Thayná Barros Soares, mestrada na Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (2023), Luana Silva, estudante de doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Rodger Richer de Santana Rocha, doutorando na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Muito obrigada pelos comentários críticos e perspicaz. Também agradeço a Professora Dra. Ivete Batista da Silva Almeida pelo encorajamento e apoio.

46% de todos os estudantes universitários de primeira geração da UIC estão na Faculdade de Artes e Ciências Liberais - a casa dos Estudos Negros.

Matrícula de graduação no outono de 2022 da UIC²

Asiático	21%
Negro/Afro-Americano	7%
Hispânico	36%
Internacional	7%
Branco	23%
Outro	6%

■ Outro
 ■ Negro/Afro-Americano
 ■ Internacional
 ■ Asiático
 ■ Branco
 ■ Hispânico



Nas disciplinas de “Estudos Negros”, eu ensino principalmente cursos de graduação introdutórios e de nível superior, enquanto leciono também para alunos de pós-graduação. Os alunos em minhas aulas possuem uma variedade de formações e disciplinas. Além disso, minhas aulas estão listadas com estudos latino-americanos, estudos de gênero e mulheres e ciências políticas. O principal benefício da convergência desses interesses intelectuais é que há alunos em treinamento para se tornarem cientistas

² Os dados da UIC que sinalizam as categoria raciais do campus contêm alguns elementos das designações de dados do censo dos Estados Unidos, com algumas omissões e novas categorias. No censo dos EUA, as categorias raciais incluem (branco, negro, índio americano/nativo do Alasca, asiático e nativo havaiano/ilhéu do Pacífico). Nos dados da UIC, as categorias Internacional e Outros são adicionadas para contabilizar os alunos que se identificam fora dessas categorias devido à nacionalidade, identidade racial mista ou outras considerações.

sociais, engenheiros mecânicos, historiadores da arte, médicos, músicos e estudiosos da literatura conversando uns com os outros. Meus cursos reúnem alunos com esses diversos interesses disciplinares em um ambiente que eles não experimentariam de outra forma.

Reunir alunos em diferentes perspectivas com um interesse comum nas comunidades negras faz parte do trabalho da prática decolonial no ensino. Distanciar e separar a comunidade da conexão e interação é uma forma de violência perpétua engendrada pelos legados duradouros da colonização e da escravidão. De maneiras imensuráveis, essas estruturas políticas, socioculturais e econômicas opressivas foram o catalisador histórico para a fragmentação sem precedentes de famílias, amigos, redes de parentesco e comunidades no continente e em toda a diáspora africana. Meu objetivo por meio desses eventos é tornar as conexões diaspóricas e globais mais acessíveis para estudantes de Estudos Negros, muitos dos quais são negros, africanos e afrodescendentes. O tamanho da minha turma varia de 30 a 40 alunos. Considerando que existem inúmeras barreiras sistêmicas para levar os alunos em intercâmbios internacionais, em vez disso, escolho trazer o mundo para meus alunos.

Desde a primavera de 2022, organizei uma série de eventos virtuais anuais por meio do Departamento de Estudos Negros da UIC, chamados Black in Latin America Series. Esta série reúne acadêmicos, ativistas e líderes intelectuais sobre as questões enfrentadas pelas comunidades negras na América Latina. Os palestrantes descrevem e fornecem um vislumbre das comunidades negras na Colômbia, Cuba, México, Brasil e Peru por meio de suas pesquisas, experiências pessoais e vivências.

2 A UNIVERSIDADE COLONIAL

Embora meus esforços de programação de Estudos Negros sejam sérios, também reconheço plenamente que a própria universidade é um local ativo do colonialismo colonizador. A terra que abriga a Universidade de Illinois em Chicago era o lar dos povos originários da área de Chicagoland, incluindo a Confederação dos Três Fogos de Potawatomi, Odawa e Nações Ojibwe e outras nações tribais: Menominee e Ho-Chunk. A UIC é uma ramificação do sistema da Universidade de Illinois, uma instituição de concessão de terras fundada em 1867. A Lei Morrill dos Estados Unidos de 1863 concedeu terras indígenas a universidades iniciantes por meio de confisco e

expropriação. O sistema da Universidade de Illinois tem uma declaração pública em seu site que, até certo ponto, reconhece essa história.³

A bolsa de estudos deixa claro os impactos contemporâneos das relações históricas íntimas entre as fundações da universidade dos Estados Unidos, expropriação de terras indígenas, patriarcado e escravidão africana (Aman 2019; de Jong et. al. 2018; Nash 2019; Oliveira et. al. 2023; Wane et. al. 2013; Wilder 2013). O corpo docente da universidade está se tornando cada vez mais consciente e determinado em desmascarar essas histórias em todo o mundo (Laakso e Adu 2023; Williams 2016). Alguns estudiosos nos ajudaram não apenas a visualizar as oportunidades de resistência e solidariedade, mas também a esclarecer as possibilidades de um mundo livre da anti-negritude e dos efeitos prolongados do colonialismo (Grande 2018; King, et. al. 2020; Roane et. al. 2022). Esses escritos nos ajudam a conceituar as maneiras pelas quais as universidades, como muitas outras instituições, não apenas trabalham para se manter como foram fundadas, mas também perpetuam essas mesmas opressões.

No entanto, outros estudiosos apontam que a decolonização não deve ser reduzida a um gesto simbólico. No artigo seminal, “A decolonização não é uma metáfora”, Tuck e Yang (2012: 3) argumentam:

Quando a metáfora invade a decolonização, mata a própria possibilidade de decolonização; recentraliza a brancura, reassenta a teoria, estende a inocência ao colonizador, entretém um futuro colonizador. Decolonizar (um verbo) e decolonização (um substantivo) não podem ser facilmente enxertados em discursos/quadros pré-existentes... A fácil absorção, adoção e transposição da decolonização é mais uma forma de apropriação do colonizador.

Os autores observaram uma tendência marcante no campo dos estudos decoloniais em que o termo tornou-se tão diluído de seu uso irrefletido que se tornou sem sentido. Eles argumentam que não é um termo abrangente para direitos civis, justiça social ou outras valiosas lentes críticas de conhecimento. Esse termo fica sozinho. O estudioso Kehinde Andrews, o único professor de Estudos Negros no Reino Unido, rejeitou a ideia de decolonizar a universidade como um objetivo alcançável e sugere que a construção da comunidade seja um esforço mais frutífero (Hill 2022). O objetivo do meu ensaio não é resolver esses debates sobre a decolonização, mas sim estender uma discussão sobre a noção de comunidade, buscar oportunidades para

³ O reconhecimento de terras do Sistema da Universidade de Illinois pode ser encontrado aqui: https://www.uillinois.edu/about/land_acknowledgement

construir relacionamentos, construir campos de conhecimento por meio da conexão e trazer observações sobre os esforços para eliminar os obstáculos sistêmicos persistentes no ensino superior.

Uma intervenção da teoria da práxis é o diálogo intercultural. O diálogo intercultural é uma troca respeitosa, aberta e ponderada entre diferentes culturas. Em uma mudança de seu trabalho sobre educação intercultural (Candau 2008), Candau (2013) deixa claro alguns dos desafios para uma educação multicultural, que assume a pluralidade de diversas experiências dentro de um ambiente de sala de aula. Embora meus alunos tenham uma cultura universitária compartilhada, uma negritude de múltiplas geografias desafia o discurso sobre racismo e anti-negritude como um fenômeno global. Esse diálogo desempenha um papel proeminente ao estabelecer conexões entre a diversidade de comunidades negras e estudantes de Estudos Negros que eu reúno. No artigo “Conhecimento escolar e interculturalidade: por outras histórias possíveis”, Araújo (2016) enfoca a construção do diálogo intercultural na educação. Com base nas contribuições acadêmicas de Santos (2008, 2006) e Walsh (2009), Araújo fala sobre a práxis de experiências educacionais interculturais da seguinte maneira (2016: 131):

[...] nesse exercício reflexivo acredito ser necessário colocar muito mais ênfase nas dimensões do contato e do confronto--entendidos como possibilidade de estar frente a frente e não necessariamente em oposição--do que na ideia de síntese ou consenso que pode advir do trabalho de tradução. Estar frente a frente é ser visto como iguais condições de concorrer ao status de existência, de realidade ou de verdade.

Argumenta-se que o encontro direto com a diferença é necessário para chegar a um acordo com a própria existência e fazer surgir novas questões. Esta série permite que os alunos encontrem comunidades que possam experimentar a negritude de maneiras que ainda não haviam considerado.

Onde alguns estudiosos discutiram e testaram empiricamente os benefícios de um método de educação Colaborativo Online Internacional (COIL), que enfatiza as interações entre os alunos (Hackett et.al. 2023), estou mais interessada no impacto do ensino colaborativo e seus impactos. Aprender com especialistas de campo em comunidades negras de várias geografias em uma sala de aula virtual que inclui um público não apenas de alunos da UIC, mas também de espectadores de todo o país e do mundo. Isso, certamente, auxilia a quebra barreiras.

Minhas reflexões também são uma extensão e uma resposta ao trabalho teórico de Mignolo e Walsh. Eles escrevem (2018: 19): “Pretendo perturbar a noção de que as estruturas teóricas e conceituais devem necessariamente preceder a práxis, bem como a ideia de que o significado é apenas derivado conceitualmente”. Neste ensaio, procuro demonstrar onde a epistemologia não apenas encontra a práxis, mas as complexidades em como elas se entrelaçam. Essa é a área mais forte que tenho no processo e prática de desmantelamento do espaço educacional colonial. Parando antes das reparações completas de devolução de terras que estão além do escopo do meu poder e acesso institucional, alavanco os recursos à minha disposição para apoiar as comunidades afetadas pelos danos coloniais por meio da educação. A série para Negros na América Latina é um exemplo da minha orientação para a práxis.

3 CONVERSAS SOBRE O NEGRO NA AMÉRICA LATINA⁴. SESSÕES DE TERÇAS-FEIRAS: TEORIA E PRÁTICA

Primeiro organizei as sessões de Conversas sobre o Negro na América Latina. Sessões de terças-feiras para a primavera de 2022 e, em seguida, segui com a segunda etapa na primavera de 2023. Todas as terças-feiras, agendamos 75 minutos para uma apresentação e conversa. Cada estudiosa falou por aproximadamente 30-40 minutos. No primeiro ano conduzimos uma variedade de apresentações sobre comunidades negras na América Latina, incluindo Cuba, Colômbia e Brasil. A série interdisciplinar contou com cinco estudiosas com experiência e explorou as narrativas históricas e contemporâneas sobre as comunidades negras na América Latina. Os tópicos incluíram:

Relações Raciais Contemporâneas em Cuba, Ana Luiza Monteiro Alves
 A juventude negra tem voz ativa agora: a cena hip hop em São Paulo, Brasil, Jaqueline Lima Santos
 Estamos Prontos: Afro-Colômbia e Centralizando Narrativas Negras, Digna Paola Mosquera
 O Fardo da Cultura: Raça e Cooperação no Brasil, Mojana Vargas
 A História da Escravidão, Direitos e Mulheres Negras no Brasil, Gabriela Barreto de Sá

No segundo ano, o tema foi Gastronomia negra, culinária e cultura na América Latina⁵. Este ano, apresentamos quatro estudiosas com experiência na América Latina – Brasil, México e Peru – esta série destacou a justiça alimentar, os hábitos alimentares e a cultura culinária das comunidades negras da diáspora na América Latina. Das

⁴ No inglês foi chamado: Black in Latin America Series: Talkback Tuesday.

⁵ No inglês foi chamado, “Black Foodways, Cuisine and Culture in Latin America”.

comunidades afro-mexicanas de Veracruz às chefes e cozinheiras afro-brasileiras, o ativismo ocorre na preservação da herança, costumes e práticas africanas. Exploramos as sobrevivências e transformações das tradições culinárias africanas por meio de conversas com artistas criativos e acadêmicos cujo trabalho centra a alimentação da diáspora negra das Américas.

Conhecimentos e Práticas Gastronômicas Afro-Peruanas, Angie Edell Campos Lazo

Somos um e somos todos: caminhos alimentares afro-mexicanos e conexões intraculturais na diáspora africana. Doris Careaga Coleman

Documentando a negritude no México: uma exibição do filme Jamaica y Tamarindo, Ebony Bailey

A conversa foi Sempre na Cozinha: Histórias de Mulheres Negras que Trabalham como Cozinheiras no Brasil, de Taís Sant’Anna Machado

A diversidade temática das apresentações também mostra a gama de interesses entre as comunidades negras nas Américas. Algumas apresentações traziam curtas-metragens, reportagens, postagens de mídia social e entrevistas para adicionar contexto ao assunto. Os participantes receberam links e recursos para organizações da comunidade negra, livros, artigos, sites de grupos, blogs e outras fontes para continuar a pesquisa por conta própria. Embora fossem guiados por apresentadores individuais, eles foram convidados e bem-vindos a se conectar com as comunidades negras da América Latina, se assim o desejassem. Esta introdução guiada às organizações da comunidade negra permite que os participantes se eduquem.

Uma forma de práxis de minha parte foi garantir que acadêmicos, ativistas e artistas fossem financiados por seu conhecimento, trabalho e preparação. Desde 2020, um maior interesse institucional nas comunidades negras e na diversidade da diáspora africana criou condições favoráveis para investimentos em departamentos e programas de Estudos Negros. Embora atualmente haja algum potencial, o interesse sustentado nas comunidades negras permanece incerto. Em universidades públicas em alguns estados, incluindo Texas e Flórida, os escritórios universitários de diversidade, equidade e inclusão estão sob ameaça de suspensão, desmantelamento legislativo e cortes orçamentários⁶. Na minha universidade, busquei financiamento para atividades de programação do meu departamento e de outros departamentos para financiar e centralizar os projetos desses acadêmicos. Com o apoio do Departamento de Estudos

⁶ Audra D S Burch, “Texas Lawmakers Pass Ban on D.E.I. Programs at State Universities,” The New York Times, May 29, 2023, <https://www.nytimes.com/2023/05/29/us/texas-dei-program-ban.html>.

Latino-Americanos e Latinos e do Centro de Literaturas Latinas das Américas, pudemos oferecer um generoso financiamento para nossos convidados. O impacto dessas colaborações de financiamento foi tal que também fomos capazes de incentivar os alunos afiliados a esses departamentos e centros a participar. Como o trabalho intelectual negro geralmente é sub ou não remunerado, essa escolha de financiar os participantes é intencional. Seu trabalho é valioso e deve ser recompensado financeiramente.

Para combater a subjugação do conhecimento negro e dos estudiosos negros, as sessões são baseadas em estudos centrados na comunidade negra de estudiosos que se autoidentificam como afrodescendentes e/ou negros. Os alunos dos meus cursos foram preparados exclusivamente com leituras de estudiosos que refletem sobre a diáspora negra, a colonização e a vida no pós-abolição. Essas leituras incluem o artigo “Migrações inacabadas: reflexões sobre a diáspora africana e a criação do mundo moderno” (Patterson e Kelley 2000) e *In the Wake: On Blackness and Being* (Sharpe 2016) e *The Long Emancipation: Moving Toward Black Liberdade* (Walcott 2021). Os participantes também puderam visualizar a diversidade do povo negro na América Latina ao conhecer pessoas que se identificam com comunidades negras e afrodescendentes. Eles puderam fazer perguntas diretamente sobre suas experiências e retribuir o conhecimento.

No entanto, existem algumas limitações para a troca de ideias e informações. Primeiro, há a linguagem. As apresentações para o departamento de Estudos Negros da UIC são em inglês. As apresentações em inglês podem ser difíceis de entender para os participantes que podem não ter fluência. Uma observação importante é que os alunos da UIC são o público principal dessas palestras e seu idioma comum de estudo é o inglês.

Em segundo lugar, todos os apresentadores são formados em nível de pós-graduação como mestres ou doutores. Alguns passaram muito tempo estudando nos Estados Unidos. Em toda a América Latina, algum conhecimento da língua inglesa e das culturas ocidentais (com ênfase nas populações brancas da Europa e dos Estados Unidos como normativo) pode se tornar mais acessível, dependendo do nível educacional e da classe social. Embora o perfil dos alunos de graduação da UIC seja diversificado em várias categorias, essas diferenças socioeconômicas podem ser um impedimento para o público, pois sua experiência com universidades dos EUA pode ser limitada. Tentamos enfrentar essa e outras barreiras diretamente.

Para reduzir as barreiras de acesso e responder a uma pandemia em andamento que torna o contato físico arriscado para grupos medicamente vulneráveis e imunocomprometidos, todas as palestras são virtuais. Achamos esse formato essencial. Contratamos um legendador ao vivo para ajudar os participantes surdos e/ou com deficiência auditiva a se envolverem no diálogo. Assim como pode haver dificuldades para os alunos viajarem para o exterior para essas experiências globais, o movimento físico através das fronteiras pode ser caro e difícil com os requisitos de visto dos EUA para nossos acadêmicos, ativistas e artistas. Além disso, alguns têm responsabilidades de cuidado familiar com idosos ou filhos. Além disso, devido às diferenças de fuso horário, nosso departamento disponibiliza as palestras no YouTube gratuitamente após o evento. Nesta plataforma, as legendas estão disponíveis em inglês ou podem ser traduzidas para outros idiomas, incluindo espanhol e português. A criação de acessibilidade para membros da comunidade com deficiência permite o envolvimento intercultural ao longo das linhas de habilidade. Também pode restaurar virtualmente os laços entre as comunidades de descendentes de africanos, negros e africanos que foram rompidos com as brutalidades da escravidão e da colonização. Mesmo que seja um encontro breve, não deixa de ser significativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto escrevo este ensaio, há uma intensificação da reação conservadora contra os estudos negros, indígenas, queer, étnicos e decoloniais e suas interseções. Além das discussões na esfera pública, a legislação que suspende o financiamento de iniciativas para proteger programas que oferecem apoio direcionado a grupos marginalizados foi debatida nas seguintes localidades dos Estados Unidos: Arizona, Flórida, Iowa, Kansas, Oklahoma, Texas, Utah e Virgínia Ocidental.⁷ Embora algumas dessas propostas legislativas não tenham sido aprovadas, há uma mensagem clara. Os esforços coordenados para silenciar as pessoas marginalizadas e suas experiências sob as múltiplas opressões que as teorias deixam claro é alarmantemente evidente. A normalização dessas políticas é uma ameaça a todo conhecimento. Como uma estudiosa global das comunidades negras na diáspora africana, estou intimamente ciente de como as ideologias da supremacia branca são uma ameaça aguda para esses campos de conhecimento.

⁷ Burch, Audra D S. "Texas Lawmakers Pass Ban on D.E.I. Programs at State Universities." The New York Times, May 29, 2023. <https://www.nytimes.com/2023/05/29/us/texas-dei-program-ban.html>.

Embora a magnitude dessas ameaças pareça aumentar em influência e impacto, ainda há oportunidades para resistir. O ensino colaborativo na diáspora africana centra-se na resistência histórica das comunidades negras nas Américas e no mundo. Nomear opressões sistêmicas globais, incluindo colonialidade e anti-negritude nesses cenários públicos e transnacionais, é sua própria resistência.

Com esta experiência específica de ensino colaborativo, sou capaz de modelar comportamentos de liderança e educação em experiências culturais diferenciadas em conjunto com meus colegas. Os alunos observam como é dialogar e se envolver com os outros com respeito e valorização de seu conhecimento. Temos uma deferência mútua pelas lacunas que podemos ter no entendimento do outro. Não existe um educador que possa abordar todas as questões na totalidade; porém colaborativamente podemos construir muito mais. Uma diversidade de vozes pode nos ajudar a entender as complexidades das comunidades negras globalmente. Em primeira mão, vi como os olhos de meus alunos se abriram para infinitas possibilidades e formas de conhecimento através das variadas experiências da negritude. Foi gratificante e pretendo continuar.

Minhas reflexões sobre o significado do ensino colaborativo transnacional foram geradas por um pensamento contínuo e constante sobre como dismantelar as hierarquias globais. Como estudiosa das comunidades negras na América Latina, também lutei contra a necessidade de tornar minha prática pedagógica e as minhas pesquisas mais acessíveis. Considero que estou em constante aprendizado. Motivado por viagens pela América Latina e me encontrando diretamente com alunos que queriam ler meu trabalho durante minha bolsa William J. Fulbright em 2018, entendi a importância de tornar meu trabalho escrito acessível em vários idiomas. Até aquele momento, a maior parte do meu trabalho havia sido publicada exclusivamente em periódicos acadêmicos de língua inglesa. Desde então, tenho buscado tradução colaborativa com uma jovem tradutora negra do Brasil, Thayná Barros Soares, para tornar meu trabalho acessível em espanhol e português.

Embora a série *Black in Latin America* seja um exemplo, podemos continuar a fazer perguntas amplas que podem expandir esse trabalho nascente. Como é o trabalho acadêmico pode ser acessível e impactante através das diferenças linguísticas, geográficas e culturais entre as comunidades negras? Como podemos nos comprometer com uma abertura contínua de espaço para o diálogo e a construção da comunidade? Como podemos continuar expandindo as fronteiras da educação usando tecnologia após

a COVID-19, já que comunidades indígenas e negras nas Américas sofreram o peso de mortes, perdas econômicas e incapacidades? Como honramos aqueles que perdemos durante a pandemia e construímos mundos mais seguros e interconectados que ajudam a proteger nossa saúde e bem-estar coletivos? Com essas questões em mente, podemos continuar a resistir às respostas transnacionais e estruturais às comunidades negras em busca de liberdade intelectual dentro de sistemas que são fundamentalmente projetados para permanecerem à margem.

REFERÊNCIAS

Aman, Robert and Timothy Ireland. **Educational Alternatives in Latin America New Mode of Counter-Hegemonic Learning**. Eds. Robert Aman and Timothy Ireland. 1st ed. Cham: Springer International Publishing, 2019.

Burch, Audra D S. “Texas Lawmakers Pass Ban on D.E.I. Programs at State Universities.” **The New York Times**, May 29, 2023. <https://www.nytimes.com/2023/05/29/us/texas-dei-program-ban.html>.

Candau, Vera Maria. “Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença”. **Revista Brasileira de Educação** 13, no. 37 (2008): 45-56.
Recuperado em 17 de abril de 2023, de
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000100005&lng=es&tlng=.

_____. (2008) “Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica.” In Moreira, Antônio Flávio Barbosa e Candau, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2a ed. Petrópolis, RJ: Vozes (2008): 13-37.
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4949312/mod_resource/content/5/CANDAU%20%20V.M.%20\(2013\).%20Muticulturalismo%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4949312/mod_resource/content/5/CANDAU%20%20V.M.%20(2013).%20Muticulturalismo%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf)

de Araújo, Cintia Monteiro. “Conhecimento escolar e interculturalidade: por outras histórias possíveis.” Em: Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação ‘outra’?** Vol. 1. Rio de Janeiro: 7 Letras, (2016): 126-143.

de Jong, Sara, Icaza, Rosalba, & Rutazibwa, Olivia U. (Eds.). **Decolonization and Feminisms in Global Teaching and Learning** (1st ed.). Routledge, 2018.

de Oliveira, Angelo Dantas, Antônio Dias Nascimento, e Tânia Maria Hetkowsky. 2023. “Decolonizar o povo para descolonizar os sistemas de educação: entre as fissuras e sementeiras”. **Práxis Educacional** 19 (50). Vitória da Conquista: e12042.
<https://doi.org/10.22481/praxisedu.v19i50.12042>.

- Grande, Sandy. "Refusing the University." in **Toward What Justice?:** Describing Diverse Dreams of Justice in Education. Eds. Tuck, Eve and K. Wayne Yang. Milton: Taylor and Francis, 2018.
- Hackett, Simone, Jeroen Janssen, Pamela Beach, Melanie Perreault, Jos Beelen, and Jan van Tartwijk. "The Effectiveness of Collaborative Online International Learning (COIL) on Intercultural Competence Development in Higher Education." **International Journal of Educational Technology in Higher Education** 20, no. 1 (2023): 5–5.
- Hill, Karlos K. "The University Cannot Be Decolonized." *The Nation*, March 16, 2022. <https://www.thenation.com/article/society/kehinde-andrews-interview/>.
- King, Tiffany Lethabo, Jenell Navarro, and Andrea Smith. **Otherwise Worlds:** Against Settler Colonialism and Anti-Blackness. Edited by Tiffany Lethabo King, Jenell Navarro, and Andrea Smith. Durham: Duke University Press, 2020.
- Laakso, Liisa., Hallberg Adu, Kajsa. "The unofficial curriculum is where the real teaching takes place": faculty experiences of decolonising the curriculum in Africa. **Higher Education** (2023). <https://doi.org/10.1007/s10734-023-01000-4>
- Lieb, David A. "GOP States Targeting Diversity, Equity Efforts in Higher Ed." **AP NEWS**, April 17, 2023. <https://apnews.com/article/diversity-equity-inclusion-legislation-7bd8d4d52aaaa9902dde59a257874686>.
- Mignolo, Walter, and Catherine E. Walsh. **On Decoloniality:** Concepts, Analytics, Praxis. Durham: Duke University Press, 2018.
- Nash, Margaret A. "Entangled Pasts: Land-Grant Colleges and American Indian Dispossession." **History of Education Quarterly** 59, no. 4 (2019): 437–467.
- Patterson, Tiffany Ruby, and Robin D. G. Kelley. "Unfinished Migrations: Reflections on the African Diaspora and the Making of the Modern World." **African Studies Review** 43, no. 1 (2000): 11–45.
- Roane, J.T., Megan Femi-Cole, Preeti Nayak & Eve Tuck. "The seeds of a different world are already alive in the everyday practices of ordinary Black and Indigenous people": An interview with J.T. Roane, **Curriculum Inquiry**, 52, no. 2 (2022): 129-138, DOI: [10.1080/03626784.2022.2052638](https://doi.org/10.1080/03626784.2022.2052638)
- Santos, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 5 edição, 2008.
- _____. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

Sharpe, Christina Elizabeth. **In the Wake**: On Blackness and Being. Durham: Duke University Press, 2016.

Tuck, Eve., and K. Wayne. Yang. **Toward What Justice?** Describing Diverse Dreams of Justice in Education. Milton: Taylor and Francis, 2018. University of Illinois Land Acknowledgement. (n.d.) accessed June 15, 2023.

https://www.uillinois.edu/about/land_acknowledgement

Walsh, Catherine. “Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-vivier. In Candau, Vera Maria. (Org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Walcott, Rinaldo. **The Long Emancipation**: Moving Toward Black Freedom. Durham: Duke University Press, 2021.

Wane, Njoki N, Jennifer Jagire, and Zahra Murad. **Ruptures**. Rotterdam: Brill, 2013.

Wilder, Craig Steven. **Ebony & Ivy**: Race, Slavery, and the Troubled History of America’s Universities. First U.S. edition. New York, NY: Bloomsbury Press, 2013.

Williams, Dana A. “Decolonizing the University: The 2016 Presidential Address.” **CLA Journal** 60, no. 2 (2016): 172–178.

(Recebido em agosto de 2023; aceito em setembro de 2023)